PENSAR AGORA AS CIDADES QUE QUEREMOS

Entre 11 de novembro e 16 de dezembro São Paulo sediará a 7ª Bienal Internacional de Arquitetura. Consideramos esse um bom motivo para dedicar um alentado número de páginas desta edição para discutir os rumos que toma hoje entre nós a maneira de pensar as cidades. Vivemos um ciclo de crescimento e novos prédios alteram a paisagem urbana, enquanto experiências consideradas inovadoras há trinta anos, como a de construir ilhas de tranqüilidade em condomínios fechados, são colocadas em xeque. O fato é que precisamos pensar agora o tipo de cidade que queremos. Para nos ajudar nessa empreitada, convidamos um especialista, Roberto Simon, do Comitê de Finanças e Novas Estratégias da União Internacional de Arquitetos, para ser o nosso guia. Profissional que acredita em qualidade de vida, carioca que se encontrou na paisagem catarinense de Florianópolis, Simon deu excelentes idéias para a montagem dos temas ligados a arquitetura e urbanismo neste número. Há ótimas reflexões.

Como as colocadas em pauta pela professora Raquel Rolnik, especialista em ocupação urbana que ajudou a criar o Ministério das Cidades e deixou sua marca no debate do Estatuto das Cidades. Raquel defende cidades pensadas para todos – e não abre mão de que sejam belas. Para isso, ela insiste, há uma parcela imensa de participação do cidadão. Otimista, entende que houve muito progresso na discussão de cidades melhores, e exemplifica com a adesão da população paulistana ao projeto Cidade Limpa.

Dois experientes professores da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, Nestor Goulart Reis e Joaquim Guedes comparecem para discutir "Quantas cabeças devem pensar a cidade?" Goulart enfatiza a necessidade de convergir opiniões de especialistas de áreas como arquitetura e sociologia para obter, em uma síntese, o melhor resultado. Guedes coloca em xeque a capacidade de técnicos e legisladores implementarem a cidade "ideal", exigindo que as massas sejam convocadas para opinar – no que coincide com sua ex-aluna Raquel Rolnik.

Na reportagem, um tema querido de Roberto Simon é discutido por arquitetos e urbanistas: planejar a cidade para os carros ou pensar em comunidades amigáveis, onde a mistura humana seja elemento de encontro e inclusão – o que ele chama de comunidades caminháveis, ou *walkable*. Contra o isolamento artificial em shoppings e condomínios fechados longe do centro, revitalizar áreas urbanas onde convivam o contraste e as diferenças. Ou seja, "ter numa mesma zona escritórios, lojas, restaurantes, quitandas, bares, bancos, correio, farmácia, residências, de modo que o morador possa ir andando a todos os lugares", diz Simon. Afinal, como ensina Rolnik, "jamais acabaremos com a violência se não superarmos o *apartheid* em nossas comunidades".

Há muito mais para ler e se entreter. Como a conversa com o documentarista João Moreira Salles, editor da *Piauí*. Em "O elogio da inutilidade", o autor de obras-primas como o documentário *Nelson Freire*, diz que a vida já é excessivamente utilitária e por isso ele faz uma obra sem compromisso de mudar o mundo. Ou ainda o depoimento do professor David Trubek, um dos fundadores do lendário CEPED-Centro de Estudos e Pesquisas no Ensino do Direito. Em recente visita ao país, Trubek conversou com *Getulio* e se diz satisfeito com os frutos de algumas das idéias que plantou quatro décadas atrás. Já o professor americano Matthew M. Taylor, em outro depoimento especial, fala de suas pesquisas sobre o papel extremamente relevante que o Judiciário brasileiro tem nas questões de governança e implementação de políticas públicas. "Nos quinze anos após a redemocratização, em 1985, o STF invalidou parcial ou integralmente 200 leis federais. Para ter uma noção comparativa, a Suprema Corte Americana, em seus 200 anos de existência, invalidou 135 leis federais", diz ele.

Há ainda a revigorante lista de livros que fizeram a cabeça do professor Oscar Vilhena, e um preview do que se verá na Bienal de Arquitetura. Boa leitura!

Leandro Silveira Pereira